

Ensino e aprendizagem: uma relação de amor

Teaching and learning: a love relationship

Enseñanza y aprendizaje: una relación de amor

Almiro Schulz - Universidade Federal de Goiás | Faculdade de Filosofia e do Mestrado do Cepae/UFG | Goiânia | GO | Brasil. E-mail: almiroschulz@yahoo.com.br |  ORCID

Resumo: Como professor de disciplinas relacionadas à didática e ao ensino em curso de licenciatura, considero o problema da aprendizagem um desafio constante. Diante de tantas teorias relativas ao ensino e aprendizagem, a pergunta que se coloca é sobre o lugar do amor nesse processo. O objetivo deste texto é isto: relacionar ensino e aprendizagem mostrando o significado do amor entre quem ensina e quem aprende. Para isso, a trilha seguida resulta de uma revisão bibliográfica sobre aspectos didáticos e neurocientíficos que estabelecem a ligação entre corpo, emoção e cérebro. Sobre o amor, em especial, a referência é o filósofo Max Scheler. Compreende-se que o ato de ensinar é uma arte de um saber fazer que não é mera técnica, envolve, ao contrário disso, uma ação ampla, filosófica e política. O aprender resulta de uma complexidade entre a relação corpo e cérebro cujos indutores não são somente externos como os sentidos, mas também internos como as sinapses neurais. A atração pelo saber se dá pelo amor, sendo o professor “modelo”.

Palavras-chave: ensino; aprendizagem; amor.

Abstract: As a professor of subjects related to didactics and teaching in a teaching degree (*licenciatura*) course of study, I consider the problem of learning a constant challenge. In the face of so many theories related to teaching and learning, the question that arises concerns the place of love in this process. The aim of this text is to relate teaching and learning, showing the meaning of love between the one who teaches and the one who learns. To examine this relationship, the route chosen results from a bibliographic review regarding didactic and neuroscientific aspects that establish a connection between body, emotion, and brain. Regarding love, in particular, the reference is the philosopher Max Scheler. One perceives that the act of teaching is an art of know-how that is not mere technique. On the contrary, it involves wide-ranging, philosophical and political activity. Learning results from a complexity involving the body/mind relationship, with drivers that are not only external, such as the senses, but also internal, such as neural synapses. The attraction of knowing arises through love, with the teacher as “model”.

Keywords: teaching; learning; love.

Resumen: Como profesor de asignaturas relacionadas a la didáctica y a la enseñanza en cursos de licenciatura, considero el problema del aprendizaje un desafío constante. Delante de tantas teorías relativas a la enseñanza y al aprendizaje, la pregunta que se coloca es sobre el lugar del amor en ese proceso. El objetivo de este texto es eso: relacionar enseñanza y aprendizaje mostrando el significado del amor entre quien enseña y quién aprende. Para eso, la trilla seguida resulta de una revisión bibliográfica sobre aspectos didácticos y neurocientíficos que establecen la conexión entre cuerpo, emoción y cerebro. Sobre el amor, en especial, la referencia es el filósofo Max Scheler. Se comprende que el acto de enseñar es un arte de un saber hacer que no es mera técnica, envuelve, al contrario de eso, una acción amplia, filosófica y política. El aprender resulta de una complejidad entre la relación cuerpo y cerebro cuyo inductores no son solamente externos como los sentidos, pero también internos como las sinapsis neurales. La atracción por el saber ocurre por el amor, siendo el profesor “modelo”.

Palabras clave: enseñanza; aprendizaje; amor.

- Recebido em: 08 de abril de 2020
- Aprovado em: 18 de novembro de 2021
- Revisado em: 10 de março de 2021

1 Introdução

Inúmeras são as publicações sobre o ato de ensinar e aprender abordadas sob perspectivas filosóficas, sociológicas, psicológicas, pedagógicas etc. No decorrer do tempo, desenvolveram-se teorias e sistemas para explicitar, facilitar e orientar o processo de ensino e aprendizagem. A relação entre o ato de ensinar e aprender passou por mudanças, esteve atrelada à linguagem poética, mítica, incluiu recursos e técnicas. Lembra Lídia Maria que “durante muitos séculos a história da educação grega confundiu-se com a literatura, sendo a poesia o núcleo do seu sistema educativo” (RODRIGO, 2014, p. 37).

O ensino e aprendizagem valeu-se do recurso e da técnica oral, ilustrativa, chegando ao texto escrito que exigiu ajustes. Na modernidade, com a invenção da imprensa, facilitando e ampliando a impressão dos textos, o acesso ao saber foi massificado. Novas teorias surgiram sobre a relação professor e aluno, ensino e aprendizagem. Atualmente, frente às tecnologias da informatização, da virtualização, uma nova época está em curso no que corresponde ao ensino e aprendizagem. Tudo isso e muito mais já foi e é objeto de reflexão no campo da educação, na discussão que recai sobre formação e atuação do professor, bem como sobre implicações para o aluno enquanto aprendiz.

Uma questão que perpassa o processo que envolve ensinar e aprender, professor e aluno, é a questão emocional, ou seja, a relação de amor que não se traduz a uma questão técnica, mas envolve sentimentos. Mesmo que essa discussão não seja inédita, ela é pertinente e relevante sobretudo em função das mudanças de uma época em que a aprendizagem parece se tornar cada vez mais autônoma, pois mediada pelas novas tecnologias. Isso faz com que o saber a ser aprendido torna-se mais mecânico, suscitando a seguinte indagação: a inteligência artificial vai substituir a relação entre pessoas (professor e aluno)? Se isso ocorrer, a afetividade será suprimida? Resposta a ser dada num futuro breve. No entanto, a relação intersubjetiva que envolve os sentimentos é parte da natureza humana, responsabilidade, pois, que cabe aos homens manter e fomentar.

Diante de tanta complexidade, o que se propõe neste texto é trazer considerações sobre o lugar que o amor ocupa na relação entre o professor que ensina e o aluno que aprende, entre o amor e o saber na vivência e convivência. Esse sentimento perpassa e influencia no processo sem que possa ser observado, mensurado facilmente, ocorrendo, não raro, de forma inconsciente. Mas

não há como negar que um bom ensino e uma boa aprendizagem dependem da mediação do amor.

Como feito referência, o lugar do amor na relação ensino e aprendizagem não é inédito, atualmente há experiências com base numa educação através do amor como é o caso da *Builders Educação Bilingue* e da Garatuja Educação Infantil na capital de São Paulo, que pensam o processo do ensino e aprendizagem permeado de carinho, atenção e disponibilidade em ouvir o aluno. Mas talvez a proposta, entre as primeiras no âmbito do ensino moderno, possa ser considerada como pedagogia do amor ou romântica, como reação ao iluminismo, principalmente na Alemanha, que teve como um dos seus grandes mestres Pestalozzi. Para Cambi (1999, p. 418), uma das teorias que sustenta o pensamento pedagógico de Pestalozzi firma-se na defesa “da formação espiritual do homem como unidade de ‘coração’, ‘mente’ e ‘mão’ (ou ‘arte’), que deve ser desenvolvida por meio da educação moral, intelectual e profissional, estreitamente ligadas entre si [...]”.

Howard Gardner (1999), ao tratar de diferentes tipos de inteligência, elenca sobre a inteligência emocional, bem como faz Goleman (1995), talvez o mais conhecido autor que discute o assunto. Importante, no entanto, salientar que este texto terá como base teórica as produções do filósofo Max Scheler (1998, 2012), sua visão sobre o amor, visando assim relacionar amor com ensino e aprendizagem. O texto é estruturado em três focos básicos. No primeiro, o ato de ensinar como função básica do professor que implica em um saber técnico, sobretudo numa arte, é abordado. No segundo, o processo da aprendizagem como um ato específico de quem aprende, no caso, o aluno é considerado. No terceiro, dá-se importância ao ensino e aprendizagem como uma relação de amor.

2 O ensino enquanto arte e técnica

A técnica ou arte de ensinar é atribuída a uma área específica do conhecimento que é a pedagogia, especificamente, a didática. Libânio (2008, p. 23) diz que “O trabalho docente – isto é, a efetivação da tarefa de ensinar – é uma modalidade de trabalho pedagógico e dele se ocupa a Didática”. Em geral, no transcurso da história, o ato de ensinar e aprender passou por fases e focos diversos, ora centrado mais na metodologia, ora nos conteúdos, ora no aprendiz. Por exemplo, considera-se que o pai da pedagogia enquanto método foi Comênio, que propôs uma

didática pela qual julgava ser possível ensinar tudo a todos a partir de sua *Didática Magna*. Na saudação aos leitores consta:

Nós ousamos prometer uma *Didática Magna*, isto é, um método universal de ensinar tudo a todos. E de ensinar com tal *certeza*, que seja impossível não conseguir bons resultados. E de ensinar *rapidamente*, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, mas antes com sumo prazer para uns e para outros (COMÊNIO, 1957, p. 45).

Pode-se considerar aí o início da didática moderna, depositando confiança na metodologia educacional, na expectativa de um bom resultado, tornando-se referência e gerando impacto em sua época. Essa defesa contribuiu para reformas e para implantação de escolas em vários países, mantendo valor na atualidade. A proposta dessa didática está para além da arte de ensinar, ou de uma mera técnica, subjaz ali uma filosofia de educação com base numa visão de mundo e numa visão antropológica. Verdade que retrata uma compreensão cristã de homem e de mundo. O germe da educação para todos e de uma educação pública foi outro aspecto que perpassou a didática desse educador, sendo considerado inovador. Salutar destacar, no entanto, que o objeto deste estudo não é a didática de Comênio, mas esse educador ganha destaque justamente por defender que essa área do saber não precisa ser compreendida como mera instrumentalização técnica.

Dando um salto no tempo, abarcando o ensino centrado na metodologia, no Brasil tem-se considerado que nos anos da Ditadura Militar depositou-se grande confiança na metodologia, ou seja, na técnica julgada como visão tecnicista de educação. Nos anos 1980, debates foram gerados entre os que atribuíam à didática um valor relevante como técnica de ensino e aos que se opunham a isso, desqualificando-a, atribuindo o fracasso ou o sucesso do ensino a uma questão política. Os argumentos favoráveis à didática podem ser sintetizados nos seguintes: vista como instrumentalização dos docentes para um bom ensino; compreendida como neutralidade científica e não política; entendida como depósito de confiança na eficiência do uso de método adequado. Algumas das críticas levantadas foram: a didática retrata conservadorismo e reprodução; o tecnicismo é um mito metodológico; é preciso priorizar o aspecto político na educação. Um outro seguimento atribui o foco principal da discussão aos conteúdos, à formação do professor como quem tem domínio do saber que ensina. Naturalmente a discussão sobre didática não está desvinculada do saber fazer, mas importa que o professor saiba bem o que há de ensinar e isso garantiria a aprendizagem de seus alunos. De certa forma, essa defesa retrata um ensino tradicional e linear, uma formação e atuação conteudista.

Ainda outra tendência é a que foca o ensino no aprendiz, no aluno. Nesse sentido, de modo geral, coloca-se Rousseau como inovador, considerando seu método ativo, sem entrar na discussão sobre diversidade. Isso tendo como base o aluno, seu interesse, ritmo etc. Acredita-se que foi Rousseau quem centrou o ensino na criança ou no aprendiz, mesmo que posteriormente tenham sido desenvolvidas as várias tendências do ensino ativo, dentre elas o escolanovismo. Sem entrar em discussões específicas, para fechar algumas dessas considerações sobre o ensino, verifica-se duas tendências. De um lado, a que atribui importância significativa na metodologia, sobretudo na tendência tecnicista que investe na formação de docentes voltados às habilidades do uso de técnicas e recursos como meios para facilitar a aprendizagem. De outro lado, a que considera o ato de ensinar uma questão política e não técnica, desprezando assim metodologias e recursos no processo do ato de ensinar.

Todavia, é importante lembrar que há uma via intermediária a qual compreende a didática não como uma mera técnica, tampouco desvaloriza os recursos metodológicos, afirmando, sim, que eles auxiliam no processo. A didática, portanto, não se reduz a uma mera questão técnica, sendo mais ampla, abrangendo todo contexto sociopolítico e a realidade das unidades escolares com seus projetos político-pedagógicos. Qualquer ato com tendência ao ensino implica, portanto, no uso de uma ou outra forma de procedimento, portanto, não é possível ensinar sem o uso de uma ou outra técnica. O que se deve considerar é que existem técnicas mais ou menos eficazes segundo cada realidade, sendo elas meios e não fins.

3 A aprendizagem: um ato do aprendiz

Sendo o aprender um ato de quem aprende, é mais complexo e difícil seu domínio. O resultado disso não está exclusivamente no poder de quem ensina, o que não significa que quem ensina deva ser indiferente a isso, ao contrário, o desafio torna-se ainda maior. Na Grécia antiga, Sócrates, segundo apresentado por Platão, considerava que o processo do aprender era uma questão de recordação; mediante o método maiêutico, trazia à luz o que estava na mente humana. Dando um salto no tempo, Locke, o empirista, considerava que a mente era como folha em branco e tudo se originava da experiência. Contudo, o ato de aprender não está divorciado do ato de ensinar, especialmente na educação escolar formal. Sendo assim, muitas teorias e estudos se desenvolveram com a contribuição da psicologia, oriundos de pesquisas e experimentos como a de Skinner, Piaget, Vygotsky e outros. Sacristán e Gómez (1998) discutem essas teorias e sua

relação entre as didáticas e a aprendizagem, mostrando que desenvolveram-se as perspectivas da chamada didática operatória como superação da tradicional, mecânica, linear e memorialística. Essa mudança implicou não apenas na transmissão da cultura acumulada, mas também em sua reconstrução em sala de aula.

A neurociência apoiada pelos recursos tecnológicos de imagens tem contribuído para compreender melhor o processo de aprendizagem, ou seja, compreender como o cérebro aprende. Nos últimos anos vem sendo desenvolvidas teorias sobre o funcionamento do cérebro e sua relação com o organismo como um todo, abrindo, assim, a “caixa preta” que é o cérebro, como diz Wolfe (2004, p. 6): “Na realidade, quanto melhor entendermos o cérebro, melhor o poderemos educar”. Além dos recursos da imagiologia já bastante comuns, a autora observa que “Várias técnicas inovadoras de imagiologia prometem dar-nos um quadro ainda mais pormenorizado do cérebro e do modo como ele funciona” (p. 17). Naturalmente são os especialistas, pesquisadores que terão acesso ao uso desses recursos e a partir da produção de resultados e conhecimentos os profissionais da educação poderão deles se valer para melhor compreender o processo de aprendizagem na prática de ensino.

O cérebro enquanto objeto de estudo é, em especial, de responsabilidade da neurociência, com dito, amparado por todo recurso oriundo das novas tecnologias. Não que a mente, a capacidade cognitiva não tenha sido problema do passado. Para Platão, por exemplo, a razão era entendida como a parte mais alta da alma, pois dividia o homem em corpo e espírito. Segundo Aristóteles, ao contrário, corpo e espírito não se dividiam e a razão era vista como a parte teórica. Há dois termos básicos no grego. O primeiro deles é o substantivo *Nous*, entendido como “mente”, “intelecto” ou “capacidade do pensamento”, em torno do qual há uma série de palavras cujas raízes dele derivam, dentre elas o verbo *noiô* que significa “aprender”, “perceber”, “entender”; *dianoia*, “faculdade de pensar”, de “refletir”; *enneia*, “ato de pensar”; *noema*, “aquilo que é pensado”. O segundo é *Synesis* compreendido como “faculdade de compreensão”, do “entendimento”, ou ainda como “discernimento”, cujo adjetivo *synetos* pode significar “rápido para aprender”; já seu antônimo *asynetos*, “estulto”, “ininteligível” (DICIONÁRIO..., 1983, p. 26-37). Em síntese, a razão para a filosofia grega significava órgão do pensamento ou, no caso do estoicismo, princípio divino do qual havia participação humana pela entrada do *Nous* na alma, que levava ao conhecimento. Atualmente a razão é entendida como a faculdade de raciocinar, inteligência ou consciência.

Mesmo com a abstração dos termos, conceitos ou realidade como mente, pensamento, memória, inteligência, raciocínio etc., o que hoje se tem, como já dito, é o estudo do cérebro. Recursos contribuem para isso e, nesse sentido, vários estudos foram desenvolvidos, mas nem todos eles são reconhecidos pela classe acadêmica e pela ciência. Eles visam mostrar que o cérebro não se limita ao conhecimento ou aprendizado cognitivo. Sem análise e discussão aprofundadas sobre algumas das teorias, obras estão disponíveis e, talvez, a mais conhecida delas seja a *Inteligência emocional*, de Goleman (1995). No prefácio, o autor diz: “minha receita para a doença comunal era dar mais atenção à competência emocional e social de nossas crianças e de nós mesmos e cultivar com mais vigor aptidões do coração humano” (p. 7). Já em *Inteligência social*, o autor explicita que “Neste livro, pretendo levantar a cortina de uma nova ciência que quase diariamente revela insights impressionantes sobre nosso mundo interpessoal” (p. 4).

Kiel e Lennick (2005, p. XXIII), em *Inteligência moral* conceituam o termo como a “capacidade mental de determinar como os princípios humanos universais devem ser aplicados aos nossos valores, objetivos e ações”. Torralba (2012, p. 9), em *Inteligência espiritual*, constata que: “tal inteligência representa uma peculiaridade exclusiva e única da espécie humana dentro do conjunto dos seres vivos, algo que explicaria uma série de comportamentos qualitativamente distintos dos de outro ser vivo”. Em *Inteligência multifocal*, de Cury (2006, p. 13), o objetivo da obra é: “conduzir o leitor a caminhar para dentro de si mesmo e expandir o mundo das ideias sobre a mente humana, a construção de pensamentos e a formação de pensadores”. Além dessas produções e de outras, talvez a mais conhecida atualmente é a das múltiplas inteligências, defendida por Gardner (1999, p. 220) quando diz que: “Neste caso, a perspectiva de inteligências múltiplas pode tornar-se poderosa parceira no ensino efetivo. Eu sustento que uma perspectiva de inteligências múltiplas pode promover o entendimento de, pelo menos, três maneiras [...]”.

O objetivo de relacionar algumas das teorias não foi para discuti-las, apontar-lhes pontos fortes ou fracos, mas apenas sinalizar que a aprendizagem envolve amplitude e complexas análises. E como o objetivo principal deste texto é relacionar a aprendizagem com a questão afetiva, ou seja, com o lugar que o amor ocupa nesse processo, necessário pontuar a relação entre emoção e cognição, pois é o cérebro que recebe as informações, processa-as, analisa-as, mas também as libera de diferentes formas. Damásio (2015) nos mostra que a dinâmica complexa dos neurônios e as sinapses não se efetivam como um “mundo” isolado do cérebro, mas a comunicação abrange todo o organismo, explicitando um ir e vir entre as emoções ou sentimentos

com o cérebro, com o racional. O autor pontua que na modernidade as emoções foram deixadas de lado e que a prioridade foi dada à razão. No âmbito das ciência e da filosofia, buscou-se compreender o processo cerebral. No entanto, um grupo de neurocientistas estão retomando as emoções para compreender esse funcionamento: “Em anos recentes, tanto a neurociência como a neurociência cognitiva finalmente referendaram a emoção” (DAMÁSIO, 2015, p. 43).

O autor mostra que não se deve dissociar o funcionamento do cérebro do organismo como um todo e que há, como dito, uma intercomunicação, uma via de mão dupla considerando que as “[...] emoções também têm um impacto sobre a mente, no momento em que ocorrem, no aqui e agora” [...] (DAMÁSIO, 2015, p. 54). No âmbito da biologia naturalista, é possível identificar o instinto, os cinco sentidos e a psique aos quais se pode relacionar o impulso, os sentimentos sensíveis e os sentimentos da alma. Damásio (2015, p. 50) classifica-os em “primários” e “secundários”; dentre os primários estão a “alegria”, o “medo”; dentre os secundários, o “ciúme”, a “culpa”. Mas o que tudo isso tem a ver com a aprendizagem? É que a aprendizagem não ocorre sem a mediação dos sentimentos, o processo se dá mediante indutores externos, em especial por meio dos sentidos, mas também mediante indutores internos, processados e liberados pelas funções dos neurônios, pelas sinapses, expedidos ao organismo como um todo.

Essa breve referência da relação entre emoção e razão, atribuindo que as emoções estão centradas mais no sistema digestivo ou no coração, segundo a tradição mais antiga e até mesmo a Bíblia, e a razão no cérebro foi no sentido de chamar atenção para o fato de que há conhecimentos que dependem mais das emoções, não podendo, portanto, dissociá-las. Nesse sentido, o enfoque sobre o lugar do amor no processo ensino e aprendizagem será dado.

4 A atração ao saber pelo amor

A relação entre amor e saber é compreensão antiga, em geral atribui-se sua origem aos gregos, à filosofia, pelo fato do próprio significado da terminologia *filos* que significa amigo e *sofia* que significa sabedoria. Porém, essa relação pode ser anteriormente encontrada no contexto judaico, nas escrituras sapienciais, nos textos poéticos do Antigo Testamento - VT (1993), em especial em Provérbios e Eclesiastes. No texto Sagrado, a referência à sabedoria está associada ao coração. Isso aparece de modo especial no livro de Provérbios, que ressalta a importância do conhecimento como a maior riqueza a ser adquirida no processo do ensino e aprendizagem, que deve acontecer desde a infância. A referência ao coração é citada no livro de Provérbios 47

(quarenta e sete) vezes, mostrando o coração como o centro das emoções e aí sua relação com o ensino e aprendizagem. Mesmo sabendo que a sabedoria vinculada ao coração, segundo o V.T., relaciona-se ao conhecimento dos princípios éticos, morais e religiosos em sua vivência.

O Ocidente sofreu a maior influência da cultura ou do pensamento grego, a visão antropológica do *Homo sapiens* prioriza a razão sobre as emoções. Agostinho, no entanto, considerou a importância do amor como uma ordem estrutural, a *Ordo Amoris*. Pascoal defendeu o coração como uma segunda razão, *et el cuor*. A partir de Descartes a racionalidade tornou-se foco primordial, sustentada na visão dicotômica entre corpo e mente. A partir de então a primazia que recai sobre o ensino e aprendizagem foi a razão em detrimento da emoção. O romantismo e a fenomenologia no fim do século XIX e início do século XX reiniciaram a valorização do emocional. Como já mencionado por Damásio (2015), um grupo de neurocientistas estão retomando os estudos sobre o lugar das emoções na relação com o cérebro. Wolfe (2004) procura mostrar a ligação entre emoção e aprendizagem.

Como anunciado, o que se pretende neste texto é, sobretudo, estabelecer a relação ensino e aprendizagem a partir da visão filosófica de Scheler. Considera-se que Scheler desenvolveu uma fenomenologia emocional, o que não significa que desprezou a razão, o que fez foi colocar a emoção ou os sentimentos sob uma perspectiva específica a partir de sua visão antropológica. Ele dividiu os sentimentos em sensíveis, psíquicos e “puros”, metafísicos. Nessa sua visão, deu especial ênfase ao amor como fator de mediação entre quem ama e o que é amado¹. O fato de unir o amor ao processo de quem ensina e de quem aprende não se trata propriamente de uma metodologia de amor ou de uma pedagogia de amor, caindo-se na destreza da técnica, da instrumentalização. Segundo Scheler (2012), o amor é um valor objetivo que exerce poder de atração na relação do ensino e aprendizagem e não necessariamente está no nível da consciência e, sim, do inconsciente.

Tratando-se especificamente dessa relação, há de se mostrar o lugar que o amor ocupa, segundo Max Scheler (1998), entre quem ensina e quem aprende. Em *Modelos e líderes* (1998), mesmo que essa obra não trate especificamente do professor e do aluno, mas de diferentes modelos em áreas específicas, quer-se apreender o lugar que o filósofo atribui ao amor, trazendo-

¹ Publicamos alguns artigos sobre o pensamento de Scheler e num deles foi apresentado, de modo mais específico, o lugar do amor na visão do filósofo.

o ao campo do ensino e aprendizagem². Scheler vai compreender o amor como uma ordem objetiva, estrutural, segundo a hierarquia dos valores, visão que desenvolve em *Ordo Amoris* (2012). Desse modo, o amor não se limita a um sentimento biopsíquico, não se restringe a uma visão natural, ao contrário disso abrange uma visão metafísica *a priori* aos sentimentos naturais. Sua origem e *locus* primário não está no humano e, sim, no sobre-humano, que é Deus, origem e fim do amor, por Deus ser em sua essência amor. Como diz Scheler (2012, p. 17) “O amor ama e vislumbra sempre algo mais do que aquilo que ele possui. O impulso que o desencadeia pode cansar-se – mas o amor não se fatiga. Este *urusum corda*, que é a sua essência, pode assumir formas radicalmente diferentes em distintas elevações das regiões de valor”.

A relação do amor entre o ensinar e o aprender tem como subsídio primordial *Modelos e líderes* (1998). Segundo Scheler (1998), na obra citada, é possível distinguir dois níveis: o professor enquanto um líder e enquanto modelo. No primeiro caso, atua de forma consciente, cumprindo sua função como tal, usa ou aplica determinado procedimento metodológico, vale-se de conteúdos e de instrumentos que julga mais apropriados no processo de como ensinar. Do outro lado, quem aprende também pressupõe que está ciente do papel de quem ensina e de seu próprio papel enquanto aprendiz. O aluno sabe da função e dos compromissos do professor e também dos seus enquanto aluno, ambos têm essa ciência. No segundo caso, a discussão sobre ser modelo não se refere ao domínio técnico de quem ensina, esse papel é estabelecido a partir de uma relação de seguimento, de discípulo despertado pelo amor ao o que se ensina, ou seja, ao saber. Não é também necessariamente um exercício consciente, nem da parte de quem ensina e nem da parte de quem aprende, dá-se no âmbito emocional, mais especificamente pelo amor, pela vivência.

No caso de quem aprende, de mesma semelhante, não é que o aprendiz resolve tecnicamente amar como se dependesse de certos procedimentos, é lógico que é possível que certos procedimentos possam despertar mais ou menos as emoções, o prazer e até o amor. Todavia, o fenômeno do amor na relação entre ensino e aprendizagem não exclui o racional, mas acontece no âmbito da afetividade, é um processo de atração. Para Scheler (1998), o modelo não significa um exemplo no sentido de ser imitado, como pura reprodução de quem aprende que se vai tornar igual ao mestre. No entendimento do filósofo, o amor perpassa tanto quem ensina

² Num artigo em fase de análise, apresentamos a visão de Scheler sobre o amor e fizemos a observação que o conceito de amor pode ser apreendido em alguns de seus textos, dentre eles em *Ordo Amoris*.

como quem aprende. O aprendiz é, desse modo, atraído pelo amor ao conhecimento apresentado por quem ensina. Nesse sentido, é mais do que uma pedagogia do prazer, do amor, não é uma instrumentalização, uma metodologia, mas é o próprio amor que se faz perceber nessa relação entre ensino e aprendizagem.

Como então contribuir de forma que o amor seja percebido nesse processo? Isso não ocorrerá por meio da mera técnica, mas poderá ser facilitada pela via de um ensino e aprendizagem significativo. Como aprender não é só prazer, mas também dor, da mesma forma amar não é apenas prazer, não é concebido como um sentimento condicionado pelos sentidos, como se dependesse e fosse restrito aos sentimentos biofísico ou biopsíquico. Em sua visão do que é o homem, em sua antropologia, o ser humano é mais do que bios e razão, é espírito, e o amor está no âmbito do espírito. Como considera o Apóstolo Paulo, o amor não acaba, pois Deus é amor.

Considerações finais

Retomando título do artigo “Ensino e aprendizagem: uma relação de amor” e sua abordagem em três focos principais: na didática como arte de ensinar, função principal do docente; na aprendizagem como ato exclusivo do aluno ou do aprendiz e no amor como atração ao saber, estamos certos que no decorrer do texto provocações e questionamento surgiram. Todavia o que estudo pretendeu foi trazer considerações a fim de mostrar a relação afetiva do amor com o ensinar e aprender. Mostrar o aspecto dessa relação que não se limita a uma pesquisa com base naturalista, restrita ao biofísico, mas, segundo Scheler, que deve se fundamentar numa visão antropológica, fenomenológica sobre a realidade do homem. Essa realidade perpassa uma percepção *a priori* ao racional, que são os valores cuja percepção é um ato emocional e é pelo amor que somos atraídos aos valores em sua hierarquia de importância, que vivido pelos modelos atraem seguidores ao saber e não propriamente a pessoa de quem ensina como uma mera imitação a ser feita.

Scheler não despreza os conhecimentos fruto das ciências empíricas, elas têm seu lugar e função, mas considera que é preciso superar o que chama de visão reducionista da realidade, a qual limita todo conhecimento do real ao natural. Há modelos segundo a hierarquia dos valores entre os mais baixos e os mais altos, que avançam dos úteis aos espirituais e metafísicos. A ação

do ensino e aprendizagem, mesmo envolvendo as condições cerebrais e fisiológicas não se dá à parte da cultura e é nesse âmbito que ocorre a relação com o amor numa dimensão subjetiva.

Referências

ANTIGO TESTAMENTO. *In: A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COMÊNIO, João Amós. **Didática magna**: tratado de arte universal de ensinar tudo a todos. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

CURY, Augusto Jorge. **Inteligência multifocal**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DICIONÁRIO internacional de teologia do novo testamento. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova vida, 1983.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 22. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

KIEL, Fred; LENNICK, Doug. **Inteligência moral**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGO, Maria Lídia. **Platão e o debate educativo na Grécia clássica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

SCHELER, Max. **Modelos e líderes**. Curitiba: Champagnat, 1998.

SCHELER, Max. **Ordo amoris**. Covilhã: Lusosofia press, 2012.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TORRALBA, Francesc. **Inteligência espiritual**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOLFE, Patrícia. **Compreende o funcionamento do cérebro e a sua importância no processo da aprendizagem**. Porto: Porto Editora, 2004.